

## África do Sul

# Porta para o continente africano

Gilmar P. Henz<sup>1</sup>Mari Carmen Rial Gerpe<sup>2</sup>

A ÁFRICA do Sul é o país com melhor infraestrutura e com setores econômicos mais bem estruturados no continente africano. A organização da última Copa do Mundo foi uma oportunidade para mostrar ao mundo as novas faces deste jovem país, todas as transformações econômicas e sociais ocorridas desde o final do regime do *apartheid*, em 1994, e a história recente de democracia racial.

O país é peculiar em vários aspectos, como o fato de ter três capitais (Pretória, sede do Executivo; Bloemfontein, do Judiciário; e Cidade do Cabo, do Legislativo); onze idiomas oficiais, sendo o inglês utilizado como língua franca; e a composição racial dos 49,9 milhões de habitantes, sendo 80% negros, de várias etnias, 9% brancos, 8% mestiços (*coloured*) e 3% asiáticos. Johannesburg é a maior cidade sul-africana, com grande concentração de indústrias, e o principal centro financeiro, com uma população de 6,6 milhões de habitantes na região metropolitana.

A África do Sul tem um papel importante na economia da região austral africana como principal membro da Southern African Development Community (SADC), mercado comum que agrega 15 países, com 233 milhões de habitantes e um PIB conjunto de US\$ 737 bilhões. Os principais produtos da África do Sul são oriundos do setor de mineração, com exploração de ouro, diamantes, platina, entre outros.

Em 2000, o Mercosul iniciou as negociações com a África do Sul com vistas a um acordo para a criação de uma área de livre comércio. Posteriormente, as negociações passaram a envolver a Southern African Customs Union (Sacu), união aduaneira formada por África do Sul, Namíbia, Botsuana, Lesoto e Suazilândia. A Sacu pretendia a conclusão de um acordo de livre comércio, mas aceitou negociar

um acordo de preferências fixas. O acordo foi assinado durante o encontro de cúpula do Mercosul, em dezembro de 2008. Os setores contemplados pelo acordo foram: agrícola, pesqueiro, têxtil e vestuário, de autopeças, químicos, siderúrgicos, de eletroeletrônicos, bens de informática e telecomunicações, e bens de capital, entre outros.

## Agricultura na África do Sul

A África do Sul possui uma agricultura bem desenvolvida e diversificada, muito embora apresente limitações de área agricultável (122,3 milhões de hectares) e reduzida disponibilidade de água. O setor é o responsável por 8% das exportações, 10% dos empregos formais e 2,6% do PIB. Uma das principais questões políticas em discussão na África do Sul é a reforma agrária e a distribuição de terras, uma vez que 80% das terras agricultáveis pertencem a fazendeiros brancos, com propriedades de 2.000 ha, em média, enquanto a maioria negra detém apenas 20%, em propriedades de até 4 ha. Em razão da questão agrária, muitos produtores brancos estão buscando terras férteis e baratas em outros países africanos, como Moçambique, Zâmbia e Congo.

Os principais produtos agrícolas da África do Sul são grãos, principalmente milho, cultura mais importante, com produção anual de 9 milhões de toneladas. Também se destacam trigo, girassol, açúcar, frutas temperadas e tropicais, vinhos (8º produtor mundial), madeira e polpa de madeira. O setor pecuário também é bem desenvolvido, com criação de gado bovino, para carne e leite; ovelhas e caprinos; aves e suínos. O país produz 85% de todas as carnes consumidas e é um tradicional exportador de lã. O turismo é uma grande fonte de ingressos na África do Sul, em particular, na exploração

da vida selvagem em parques nacionais e reservas particulares, além da criação de animais para reservas e exportação de troféus de caça. A criação de avestruzes é uma importante atividade econômica, muito embora um recente surto de gripe aviária tenha afetado severamente o setor, interrompendo a venda de carne para a União Europeia, responsável por 80% das exportações do país.

A União Europeia é o maior mercado de destino dos produtos agrícolas sul-africanos, principalmente Holanda (11%), Reino Unido (9%) e Alemanha (4%); seguidos por países africanos como Zimbábue (8%), Moçambique (6%) e Angola (3%).

## Balanço comercial bilateral

As exportações brasileiras para a África do Sul em 2010 ascenderam a US\$ 1,3 bilhão e as importações a US\$ 753,3 milhões. Isso significou um incremento de 4% das exportações brasileiras comparadas com 2009 e um aumento significativo de 73,9% das exportações da África do Sul, o que ocasionou uma redução de 32,6% no superávit de 2010, de US\$ 556,6 milhões, em comparação com 2009.

Em 2010, o Brasil exportou US\$ 451,7 milhões em produtos agropecuários para a África do Sul, sendo os principais a carne de frango, o açúcar e etanol, o fumo e o trigo.

### Principais produtos agropecuários brasileiros exportados para a África do Sul em 2010

Produto	Valor (US\$)
Carne de frango	183.400.000
Açúcar/Etanol	58.800.000
Fumo	43.600.673
Trigo	23.387.174

### Desafios e oportunidades

O maior desafio no comércio bilateral agrícola com a África do Sul é o setor de carnes. Desde o surto de febre aftosa ocorrido no Brasil em 2005, as negociações para a reabertura do mercado para a carne bovina e suína têm sido difíceis e morosas, com reiteradas solicitações de detalhes técnicos acerca da condição sanitária dos rebanhos brasileiros e pressão brasileira junto à OMC, em Genebra.

Foi somente em agosto de 2010 que a África do Sul reabriu o mercado para a carne bovina sem osso, mas a retomada do volume de exportações nos patamares anteriores a 2005 ainda está longe de ser alcançada. É provável que o Brasil retome uma posição de destaque no mercado de carnes sul-africano após a abertura para a carne com osso, o que poderá ocorrer ainda este ano, considerando-se o avançado estágio das negociações.

As negociações para a reabertura do mercado sul-africano para a carne suína foram mais difíceis que o previsto, com questionamentos técnicos adicionais por parte das autoridades sul-africanas. O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) recorreu à OMC em 2010 com preocupações comerciais específicas e solicitou reuniões bilaterais paralelas sobre o tema no Comitê sobre a Aplicação de Medidas Sanitárias e Fitossanitárias (SPS). Assim como outros países, a África do Sul vem tentando proteger seu mercado interno, de forma a garantir espaço para seus produtores. Essa situação se mostra ainda mais sensível, graças ao momento vivido pelo país no que se refere à política agrária, em que produtores familiares negros têm sido estimulados por meio de um complicado processo de reforma agrária e redistribuição de terras.

No fim de 2010, os ministros da Indústria e Comércio dos dois países concorda-

ram, em uma reunião conjunta, em colocar como prioridade da pauta de comércio bilateral agrícola a carne suína brasileira e os vinhos sul-africanos por meio do mecanismo *Fast Track*. Depois de várias tentativas de agendar a vinda de uma missão brasileira do Mapa para discutir os dois temas com as contrapartes sul-africanas, uma reunião conjunta ocorreu na última semana de junho, e houve um compromisso da reabertura do mercado para a carne suína brasileira. As negociações estão sendo finalizadas, e espera-se que o Brasil retome as exportações a partir do segundo semestre e reconquiste uma fatia significativa do mercado sul-africano.

A carne de frango é o principal produto do agronegócio brasileiro exportado para a África do Sul. Em 2010, o Brasil forneceu 70% do produto importado pelo país, correspondentes a 13% do mercado interno. A indústria avícola sul-africana, representada pela Southern African Poultry Association (Sapa), tem enfrentado muitos problemas em razão do aumento do custo do milho no mercado interno, com elevação dos custos de produção, e de escândalos noticiados na mídia local, com injeção de salmoura na carne de frango congelado acima de 20%, o valor máximo permitido no país. Existe certo nervosismo da indústria avícola sul-africana em relação às importações pela falta de competitividade do setor, ainda mais se considerando a desgravação tarifária progressiva dos produtos importados da União Europeia resultante do acordo de preferência tarifária (TDCA), que entrou em vigor em 01/05/2004 e que dá uma vantagem competitiva muito grande à carne de frango europeia.

Com todas essas dificuldades, o mercado sul-africano oferece muitas possibilidades e oportunidades para o agronegócio brasileiro. Os setores tradicionais de

exportação, como de açúcar, tabaco e derivados de soja, podem ampliar sua participação no mercado à medida que o país expande sua economia e amplia seu mercado consumidor interno. Além disso, a África do Sul tem uma grande influência econômica regional, exportando muitos produtos agrícolas para países vizinhos, como Moçambique, Zâmbia e Zimbábue, além de ter filiais de redes de varejo nos demais países da região.

Tradicionalmente, a África do Sul é importadora de cereais, como trigo e arroz; óleo e torta de soja; açúcar; tabaco; carnes bovina, suína e de aves; bebidas e destilados; cacau; gorduras animal e vegetal, como margarina e óleo de palma; e alimentos processados, entre outros produtos. Todos esses produtos e setores representam possibilidades para exportação para empresas brasileiras, principalmente soja e derivados, cujo principal fornecedor atualmente é a Argentina.

Desde o ano passado, o Mapa vem estimulando as empresas brasileiras do agronegócio a participarem da Saïtex/Big Seven, uma das maiores feiras de alimentos do continente africano, que ocorre anualmente em Johannesburg no mês de julho.

Os principais produtos expostos na feira são cereais, farinhas, amidos e preparados; óleos vegetais; produtos lácteos e derivados; bebidas alcoólicas e não alcoólicas; sucos de frutas; frutas e hortaliças frescas, secas, congeladas e desidratadas; sorvetes; preparados de carne, pescados ou crustáceos; café e chá; doces e confeitados; temperos, molhos, condimentos, sopas e outros preparados; chocolates e derivados de cacau, entre outros. ■

Este artigo reflete a opinião dos autores e não das instituições que representam.

1. Adido Agrícola em Pretória
2. Primeira Secretária/Secom